

Tarley de Carvalho Silva

Licenciado em História pela
Universidade Estadual de Goiás (UEG).
Pós-Graduado em "Linguagem, Tecnologia em Ensino" pela
Universidade Estadual de Goiás (UEG).
Pós-Graduado em "Identidade, Cultura e Região" pela
Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Marcela Ítalo Rodrigues e Silva Bianco

Orientadora

RESUMO

Este trabalho pretende discutir a trajetória do surgimento do município de Itaguaru, desde a criação do povoado em 1946, a criação do Distrito em 1952 e, por fim, a Emancipação Política em 1958. Observa-se que este processo ocorreu lentamente, logo após ter sido colocado em prática a idéia da criação de um patrimônio local nas imediações da próspera região denominada de Cancela da Fazenda de Santo Antônio do Curral Queimado, recebendo origens e influências de várias famílias locais (como o Município de Jaraguá) e de outros estados brasileiros desde os anos de 1937. Dessa maneira, por meio do diálogo entre os autores Ecléa Bosi (1994; 2003), Pierre Nora (1993) e Michel Pollak (1992; 1989), sustentamos nosso presente debate. Entender o processo de formação histórico de Itaguaru-Go requer analisar os sujeitos e objetos sociais, tanto as memórias coletivas e individuais presentes no decorrer da abordagem, como no processo de formação do município. Atentaremos a seguir sobre o que objetivou entender a inserção social destas pessoas as quais inseridas mutuamente contribuíram definitivamente para o desenvolvimento da economia, agricultura, pecuária e por meio de um forte elo religioso. Estes fatores foram à base que muitos almejavam para melhor as relações entre a sociedade local e regiões vizinhas. Monumentos foram deixados como memória local: as entrevistas utilizadas contribuem para a compreensão do contexto local. Em diálogo com pessoas que tiveram um contato há mais de 50 anos atrás, sustentaram as hipóteses da formação da localidade e de uma história que buscou dos fragmentos memoriais dos idosos, fotografias e a análise de textos pessoais deixados pelos fundadores da localidade.

Palavras-chave: História; Memória; Itaguaru-Go.

INTRODUÇÃO

No início do século XX, o estado de Goiás era pouco habitado, com uma grande área demográfica vazia, dessa maneira, o povoamento do Estado somente intensificou-se a partir da grande massa de imigrantes que vieram atraídos pela transformação econômica impulsionada pela construção das ferrovias, entre 1920 e 1930. Incorporando cada vez mais ao mercado desenvolvido da região sudeste, notadamente nas regiões de São Paulo e Rio de Janeiro (FRAGA e ALMEIDA, 2003).

Ademais, a Era Vargas, iniciada em 1930, trouxe uma nova fase ao processo de ocupação agrícola no Estado de Goiás. Assim, o presidente Getúlio Vargas, pressionado pelas novas necessidades da economia mundial, lançou a política conhecida como a “Marcha para o Oeste”¹.

Por meio dessa passagem histórica do Brasil (Política de Vargas) percebe-se a relação entre o processo de ocupação em Goiás e a vinda das famílias para esse estado, que foram habitando o interior do Estado, em busca de oportunidades de trabalho e melhores condições de vida. Assim, para analisar o processo de ocupação das famílias no Estado de Goiás, em especial do município de Itaguaru, destaca-se a memória coletiva para elucidar o processo de formação da cidade e sua construção por meio das famílias locais.

Para tanto, adentraremos no contexto local do município de Itaguaru, na tentativa de se analisar os processos resultantes da formação histórica desse município, baseando em entrevistas e em alguns dados da família Pires de Barros² e Carvalho³.

Itaguaru é uma pequena cidade do território brasileiro localizada no Centro-Oeste Goiano na Microrregião de Anápolis, em uma altitude de 770m em relação ao nível do mar, e possui uma população estimada em 5.044 habitantes. A área total de Itaguaru é de 240,8 km², e sua densidade demográfica é de 20,95 hab./km² (habitantes por km²).

Percebe-se que a idealização do processo de formação e construção do município de Itaguaru, consolidou-se de forma lenta e gradual, por meio de fortes influências de famílias que pertenciam ao município de Jaraguá, cidade vizinha. Dessa maneira, o município de Itaguaru em meio a uma localidade de chapadas, foi criado um pequeno povoado em 1946.

Na localidade observa-se que a sua geografia é composta de terrenos declives, terras prósperas, denominada de Cancela da Fazenda de Santo Antônio do Curral Queimado. Dessa maneira, muitas famílias vieram de variadas regiões de Minas Gerais, São Paulo e Bahia. Estas famílias aos poucos se inseriram no contexto local e gradualmente passaram a ter um contanto social com o povoado local, começando a residir nas imediações da

¹ Política implantada por Getúlio Vargas em 1930 que visava alcançar uma nova fase do desenvolvimento econômico.

² Família de Origem Mineira e Italiana, vindos para Itaguaru em 1940.

³ Família de Origem Mineira, vindos de Buriti Alegre para Itaguaru em 1940.

futura área que formaria a cidade deixando a zona rural, e passando a manter os primeiros contatos com os habitantes que já moravam ali.

No contexto local dessa região, percebe-se que as primeiras povoações que ali estiveram foram às indígenas, que possivelmente habitavam essas terras antes do povoamento, remetendo a mais de um século, a existência desta cultura indígena nas imediações da futura localidade.

Para melhor compreensão de nosso trabalho, pretendemos analisar as entrevistas, que constituem uma memória individual importante, como fonte de análise.

De acordo com relatos orais obtidos com o professor Eri Borges Evangelista, residente em Itaguaru, na fazenda Sertãozinho, foram encontrados vestígios de cerâmica indígena, durante a aração para o cultivo de terras em sua propriedade na zona rural. Entre estes vestígios estão: pedaços de potes de cerâmica e um cachimbo com um “rosto indígena”, confeccionado pelos antigos moradores, que foram seus antepassados. (EVANGELISTA, Nov. de 2016)

Foram nestas e outras terras, de vegetação nativa e próxima às fazendas circunvizinhas, já habitavam índios que mantinham algumas práticas culturais de raízes dos seus antepassados e que confirmam a hipótese de pequenos grupos indígenas na região.

De acordo com relatos orais do ex-vereador, Sr. Odete Justino de Souza, morador de Itaguaru, ele também encontrou vários pedaços de cerâmica indígena, com formatos diferentes, tais como: potes, vasilhames, travessas e copos, em sua residência na zona rural. O que se observa por meio destes fatos, é a comprovação da presença de povos indígenas nas regiões vizinhas da fazenda Chapadão, como também se pode observar a presença de indígenas em outras localidades próximas ao município de Itaguaru, como na Fazenda dos Motas e outras. (SOUZA, Set. 2016)

Observa-se que a história local de Itaguaru parte de uma perspectiva processual, por meio de idéias de famílias locais que possuíam larga visão de se desenvolver em meio aos obstáculos diários, gerado pela falta de recursos básicos de sobrevivência. Estes fatores foram fundamentais, e tem origens no processo de ocupação de Goiás, e das regiões do interior goiano. Nesse sentido, essas ocupações contribuíram para desenvolver a agricultura, a criação de gado, práticas religiosas, culturais e políticas resultando também na formação de povoados, vilarejos e arraiais no estado goiano. (FRAGA e ALMEIDA, 2003)

Vemos no decorrer do texto, a relação temporal-local abordada tanto na história local, como na história do país. Fatores estes que contribuíram para o desenvolvimento das características de formação de nossa região, durante o povoamento. Assim, percebemos que a memória individual ressalta as lembranças de pessoas importantes para a reconstrução de nossa história local.

Éclea Bosi (2003, p. 17) afirma que “a força da memória coletiva, trabalhada pela ideologia, sobre a memória individual do recordador, o que

ocorreu mesmo quando este participou e testemunhou os fatos e poderia por tanto nos dar uma descrição diferenciada e viva”.

Dessa maneira, observa-se por meio do excerto da autora que a memória coletiva, está fundamentada por uma ideologia que prevalece sempre sobre a memória individual de quem recorda, da pessoa que serviu de testemunho e mostrou algumas descrições de uma memória viva, deixada através dos relatos orais. Observa-se também, que cabe a cada um, recordar a lembrança e, sobretudo interpretá-la, assim como o esquecimento. “Cabe a nós interpretar tanto a lembrança quanto o esquecimento” (BOSI, 2003, p.18).

Ademais, a história do município de Itaguaru, foi construída por meio dos relatos de lembranças, os (testemunhos orais), análise das fotografias, ressaltando a memória dos indivíduos, prevalecendo em nossa abordagem à fundamentação de como interpretar o passado de maneira coerente e eficaz, levando em consideração o esquecimento. Nesse excerto abaixo, Bosi considera sobre o esquecimento: “Esquecimento, omissões, os trechos desfiados de narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas. Dos traços que deixou na sensibilidade popular daquela época” (BOSI, 2003, p. 18).

Diante do exposto, observa-se que é por meio das narrativas, dos esquecimentos e omissões, que os fatos históricos são apreendidos dando diversos significados à vida e ao cotidiano das pessoas. Bosi (2003) analisa que são esses “trechos desfiados de narrativa” que demonstram o que há de história, por meio da sensibilidade popular da época.

É desta maneira que buscamos compreender a relação que estes indivíduos de Itaguaru, (memória individual), buscaram em suas narrativas, fragmentos de um tempo importante, de um passado que se consolidou dos fatos e sua veracidade presente dos acontecimentos de nosso povo e a sua história, buscando enfim, sair do “esquecimento” e construir uma narrativa baseada no conhecimento do cotidiano das pessoas.

HISTÓRICO DO SR. NAPOLEÃO PIRES DE BARROS E SUA FAMÍLIA

Mostraremos agora um pequeno histórico local da família Pires de Barros e Carvalho, tentando não vangloriar a imagem de um homem e uma mulher, mas sim mostrar as suas origens para melhor entender o contexto no qual pretendemos trabalhar, partindo da análise destas informações, pretendemos ressaltar a importância dessa família no processo de desenvolvimento geral de nossa pesquisa e de uma ideologia que era dominante da Política influente do Estado de Minas Gerais.

Napoleão Pires de Barros nasceu no município de Tapaciguara, Estado de Minas Gerais, filho de Maria Jerônima e de um médico italiano curador. Sua esposa Francisca Joaquina de Carvalho, nascida aos 22 de fevereiro de 1921, em Píuh Estado de Minas Gerais, era filha de Joaquim José de Carvalho e de Delminda Joaquina da Silveira, conforme mostra figura 01.

Figura 01: Napoleão Pires de Barros e sua esposa Francisca Joaquina de Barros.



Fonte: Dilma Pires de Barros (Arquivo familiar)

Maria Jerônima Pires de Barros (mãe de Napoleão) era filha de uma família tradicional de Tapaciguara, Minas Gerais, cujo pai era fazendeiro influente na região, pois naquele período de 1905 a 1920, a classe média e alta tinha um poder político forte no país, principalmente em se tratando de Minas Gerais, com a política café- com- leite. (FRAGA e ALMEIDA, 2003)

Napoleão nasceu em 10 de setembro de 1920, e perdeu seu avô assim que nasceu, sendo criado pela avó materna, pois sua mãe não tinha condições de criá-lo, devido a problemas de saúde. Após a morte de sua avó materna, Napoleão passa a residir com sua tia Ana Pires, mãe de Julieta, contudo, por pouco tempo, uma vez que em um ano depois, em 1940, casa-se com a jovem Francisca, filha de um fazendeiro da região de Itumbiara-Goiás, o Sr. Joaquim Carvalho e a Sra. Delminda Joaquina.

Após nascer a primeira filha de Napoleão, Divina, seu sogro decide vender a fazenda na região de Itumbiara e juntamente com os filhos, e o próprio genro Napoleão, viaja em busca de terras mais férteis, para a produção agrícola e pastoril. Havia uma propaganda nessa época, de que próximo a região de Itaberaí, havia terras férteis e, esse chamativo, levou o genro de Napoleão a procurar terras na região.

Assim, o sogro de Napoleão compra uma fazenda na região, “Fazenda Cubatão”, possuindo (450 alqueires), localizada mais próxima ao município de Itaguaru do que de Itaberaí. O que se observa, é que esses acontecimentos foram favoráveis para a construção do povoado, que futuramente seria o município de Itaguaru.

Ademais, nesse momento, Napoleão havia vendido seus bens e apurado 30 contos de réis e, assim como o sogro, foi à procura de uma fazenda e se apaixona pela região do chapadão. Dessa maneira, compra sua primeira fazenda, que pertence hoje a seus dois filhos, com distância de um 1 km de Itaguaru.

Por meio da aquisição de compra da fazenda, Napoleão construiu uma história conquistando e idealizando uma cidade, na tentativa de se buscar o progresso e o desenvolvimento da região próxima às imediações de suas terras. Dessa maneira, o município de Itaguaru é construído, partindo

da idealização de um homem que foi buscando melhorias para a região, juntamente com Urgélio Teixeira (Paulista Influente), os dois irmãos Pedro Moreira Damasceno e Joaquim Moreira Damasceno, (Fazendeiros), Antônio Lourenço de Sá (Vaqueiro), e Benedito Ferreira de Castro (Comerciante).

Napoleão sempre buscou idéias inovadoras, trabalhando arduamente, para tanto, arrendou suas terras, foi comerciante, trabalhou de servente, fazia fretes, além de outros trabalhos, conseguindo desta maneira comprar mais terras de seus cunhados e se tornar fazendeiro influente na região. Era um homem muito honesto, de persistência, garra e desta maneira teve grande destaque local, na figura 02, temos a fotografia do Sr. Napoleão Pires de Barros, idealizador da Cidade de Itaguaru-Go.

Esta é a história conhecida de Napoleão Pires de Barros, contada e narrada desde a sua chegada a terras itaguaruenses. Observa-se por meio de muitos outros relatos, é de que se produziu uma história atrelada à imagem de um homem duro a Napoleão, dominador, conquistador, idealizador comparado a um grande “coronel”. Talvez o fato de Napoleão tiver sido gestor municipal, por meio de dois mandatos como prefeito da cidade, contando com o grande apoio do Governador do Estado de Goiás, à época, Mauro Borges, tenha contribuído para a imagem de Napoleão a de um coronel (FRAGA e ALMEIDA, 2003).

Contudo, percebemos a história de um personagem tão importante para a vida e a construção do município de Itaguaru, uma vez que, pelo outro olhar do lado da história, também notamos que ele foi um homem que tomou rédeas e colaborou definitivamente para a formação deste município, foi bem-sucedido, seja em família, e em sociedade. Dessa maneira, também se produziu uma série de versões sobre o seu caráter e a sua benevolência, bem como a sua visão como um bom negociante, a sua intenção como um bom administrador, tornando-se hábil nas relações políticas, tanto na região de Itaguaru, quanto no estado. Na figura 02, temos Napoleão e autoridades locais, entre eles o Governador do Estado Mauro Borges, na Inauguração do Palácio dos Três Poderes, Sede administrativa do Poder Executivo, Legislativo e Judiciário de Itaguaru.

Figura 02: Napoleão Pires de Barros e Governador do Estado de Goiás Mauro Borges



Fonte: Dilma Pires de Barros (Arquivo familiar)

Nesse tocante, aos poucos Napoleão foi adquirindo uma posição social de destaque na sociedade com êxito tanto na vida pública quanto no comércio. Esse fato lhe rendeu a presidência do Partido Social-Democrata (PSD) no município, aliado à direção do Movimento Evangélico⁴. Dessa maneira, Napoleão conseguiu posicionar-se como um forte líder dentro da organização deste Movimento em Itaguaru. Não obstante, Napoleão alcançou também uma notável atuação na área comercial, ajudando a engrandecer e estruturar a instituição do comércio no município de Itaguaru.

Pioneiro e grande idealista, o primeiro a empreender uma lojinha, a primeira do povoado, ele próprio diz: “Logo que construí, coloquei uma lojinha de tecidos e artigos de armazém. Eu comprava mercadoria em Anápolis para revender em Itaguaru e Uruana. Esta lojinha eu só abria à noite e aos domingos” (BARROS, 1986, p.7). Assim, observamos o aumento populacional do município, com a ajuda do então “menino Itaguaru”. Este grande líder faleceu em 07 de outubro de 2001, aos 81 anos de idade, vítima de chagas no intestino.

REVISÃO DA LITERATURA

Segundo Pollak (1989), a memória coletiva é estruturada por diferentes pontos de referência situados na memória da coletividade, incluindo, sobretudo, os monumentos, as paisagens, as datas, os personagens históricos. Nesse sentido, a memória coletiva apresenta a sua importância, pois devido a ela, uma comunidade ou sociedade, pode ter as suas tradições, costumes, folclore, música e algumas tradições culinárias sempre lembradas.

Observa-se dessa maneira, segundo o autor, que a memória coletiva inclui uma série de características, e isto sustenta a idéia de que, toda a cultura dos sujeitos sociais os tem como partícipes da memória local. De acordo com Pollak, há uma relação entre a memória coletiva e a memória individual, para tanto o autor ressalta afirmando:

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contatos entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum(POLLAK,1989, p. 04).

O autor analisa os benefícios que a memória traz em relação aos contatos com a lembrança e aos testemunhos, até então postos como comuns e suficientes entre a conjuntura do coletivo e do individual. Assim,

⁴ Movimento Evangélico: População massiva de Itaguaru que apoiava o PSD.

Pollak observa o “privilégio” de ter a memória em relação aos menos favorecidos:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas e que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial”, no caso a memória nacional (POLLAK, 1989, p. 04).

Pollak observa a importância das memórias coletivas, uma vez que essas memórias são responsáveis por perpetuarem a histórias das páreas da sociedade, dos menos favorecidos, a história não-oficial, aquela que não será contada pelos discursos oficiais.

Segundo aborda Pierre Nora (1993) em seu texto “A problemática dos lugares” houve uma forte decadência pondo um fim na história-memória, resultando na aceleração da história como expressão significativa de um passado morto e esquecido e foi neste momento, que se ascendeu a consciência de algo terminado e acabado. É neste viés que Nora ressalta o momento sublime de articulação resultante de uma consciência da ruptura entre passado e futuro.

Na perspectiva apresentada por Nora (1993), percebemos que existe uma oposição entre história e memória, ou seja, a memória é vida, carregada constantemente por grupos vivos e que permanece em constante evolução, sendo aberta para uma dialética. Esta é fruto da lembrança ou do esquecimento, também do inconsciente e de suas deformações sucessivas, vulneráveis a fortes manipulações, quer sejam, constantemente as longas latências e algumas revitalizações repentinas.

Pollak (1992) põe em problemática uma constante ligação entre memória e identidade social, portanto referindo apenas à abordagem histórica como problema da identidade. O autor aqui nos traz para a discussão a história oral, os seus vestígios da memória, a memória política, algumas histórias de vida, que aos poucos vai se tornando um desafio de como interpretar este material das memórias coletivas com uma pura legitimidade.

Vemos a memória sob os efeitos de uma relação, ou seja, uma ruptura no elo de uma identidade bastante antiga, pondo fim na evidência: a adequação da história e da memória. Se houvesse ainda vestígios da memória não teria necessidade de consagrar lugares, desde que, não haveria lugares onde a memória seria transportada pela história, enfim cada gesto cotidiano, vivido, quer seja na esfera da repetição religiosa ou numa identificação carnal do ato e do sentido.

Ainda que encontre vestígios e marcas de uma constante mediação não estamos dentro de uma verdadeira memória e, sim, em uma relação pertinente entre a memória-história. Já a constituição em “um povo da memória”, excluía plenamente a preocupação com a história e sua abertura para um mundo totalmente moderno lhe impondo a necessidade de verdadeiros historiadores.

De acordo com Pollak (1992), entendemos que, além das várias projeções que ocorrem plenamente, quer sejam fruto de algumas relações a eventos, lugares e personagens, levam à problemática dos vestígios datados da memória, ou seja, tudo aquilo que fica gravado como data precisa dos acontecimentos, quer sejam da vida pública, familiar ou privada.

Para Pollak (1989), “uma memória, ao ser definida como comum há algum grupo social, mesmo que diferenciado dos outros, fundamenta-se principalmente e vai aos poucos reforçando os sentimentos de pertencimento nas suas várias fronteiras, quer sejam, socioculturais, ao qual também cita alguns exemplos, como memória nacional, coletiva e individual.

Segundo é caracterizado por Bosi (1994), existe duas memórias, ambas assentadas firmemente na distinção entre a percepção pura e a própria memória: a conservação de um passado que atua constantemente no presente de maneira heterogênea, onde o corpo guarda os esquemas de comportamento, muitas vezes sua ação atua constantemente sobre as coisas tratando-se da memória-hábito, ou seja, a memória dos mecanismos motores.

De acordo com Bosi (1994), a memória-hábito vai aos poucos servindo de esforço da atenção e também pela repetição de alguns gestos ou palavras expressas. Um exemplo citado pela autora é Bérqson, que analisa profundamente estes fatos resultantes de um processo, fruto das exigências da “socialização” que enfim, faz presente em muitos elementos da vida cotidiana exigindo dela alguns movimentos da memória-hábito, sendo parte constante do nosso “adestramento cultural”.

Em outra perspectiva a seguir, vemos que a lembrança pura vai aos poucos se atualizando na “imagem-lembrança”, e que segundo a autora, a consciência é trazida à tona com um momento único e singular, sem se repetir, irreversível, o da vida, possuindo forte caráter mecânico, onde o aparecimento se perpetua constantemente por vias da memória. Assim, Bérqson nomeia de inconsciente, a poesia e o sonho, onde são latentes as zonas profundas do “Psiquismo”.

A seguir, nosso trabalho partirá do entendimento de como culminaram as primeiras iniciativas do surgimento do povoado, (entre eles, os próprios fundadores) e da sua idealização, idéia antes já pensada e que se desenvolveu num processo de luta, culminando na primeira medida adquiridas para loteamento.

O SURGIMENTO DO POVOADO EM 1946

O surgimento do município de Itaguaru, assim como os outros municípios do estado de Goiás, teve a sua origem relacionada à imigração, ou seja, a chegada de pessoas como fazendeiros, trabalhadores (vindos de Minas Gerais) e outros lugares para trabalhar nas terras recém-habitadas. Esses novos habitantes, ao chegarem à região, se surpreenderam com a potencialidade das terras, pois estas eram uma verdadeira mina de ouro goiana, onde tudo que plantava, colhia com abundância. Assim, a fartura

dominava uma região cheia de matas verdejantes, frescas, sombrias e de grande desenvolvimento agrícola e produção de leite. (FRAGA e ALMEIDA, 2013)

Nesse sentido, as fazendas do interior de Goiás ganharam fama, por serem tomadas de terras férteis e produtivas. Tal acontecimento fez com que as pessoas se dispersassem cada vez mais, escolhendo a região para habitarem, chegando diversas famílias de outros locais para morarem no estado. Outros fatores que ajudaram no desenvolvimento da região de Itaguaru foram à inexistência de uma política local de assistência ao povoado que ali já habitava, com escassos recursos de toda ordem, como: medicamentos, alimentação. Dessa maneira, criaram-se as primeiras iniciativas de criação do povoado e posteriormente o seu desenvolvimento.

Observa-se, assim, a relação estreita do surgimento de pequenas povoações nas imediações das terras pertencentes ao município de Jaraguá atrelado à memória local, até então tida como fator chave das discussões analisadas por Bosi (1987):

O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão assas aos fatos principiados pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana (BOSI, 1987, p. 49).

Segundo a autora, diante do exposto acima, há uma constante relação entre narrador e ouvinte, e os fatos presenciados no trabalho humano, sustentando assim a sua voz como sujeito histórico. Veremos então a memória do fazendeiro, fundador de Itaguaru e Juiz Distrital, o Sr. Urgélio Teixeira, paulista que chegou com a família na região por volta de 1940: “Nesta época, Itaguaru era apenas um patrimônio chamado Chapadão, isto porque as terras do local eram chapadas” (Teixeira, Jan. de 1980).

Urgélio Teixeira deixa alguns registros na criação do patrimônio, ou seja, ele foi um conselheiro para a história local, responsável por ajudar Napoleão a convencer as famílias locais a doarem as terras ao prefeito de Jaraguá para a construção de um loteamento. Teixeira tinha conhecimento destas famílias residentes no contexto local, pois o próprio Napoleão só chegou à região no ano de 1942 na região.

Ademais, é de importância ressaltar não apenas a resistência da sociedade civil dominante em seus discursos ideológicos, mas também a resistência da memória local objetivada a restaurar o silêncio do passado de Itaguaru, que para o entendimento de Pollak(1989, p.05), “O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais”.

É necessário, segundo o que é colocado no texto, atentar aos excessos dos discursos oficiais, ou seja, a memória da elite e atentar a sociedade civil, pois o próprio Urgélio desempenhou cargo oficial de Juiz Distrital.

O abastecimento de alimentos no geral era feito pelos municípios maiores como Itaberá, Jaraguá, Anápolis e Uruana. Os meios de transportes eram muito precários, feitos a cavalo, carro-de-boi ou a pé e, devido às chuvas, era mais difícil o transporte na região. A vida imposta na época era rústica, a sua prática constante era sofrida, pois era o início da vida desses novos habitantes, que não desistiram dadas às dificuldades enfrentadas.

Veremos agora em relação ao comércio, uma referência forte como o nome da Sra. Lazarinda do Amaral Siqueira e seu esposo Antônio Soares Siqueira, que foram os primeiros habitantes do povoado. Esse casal eram donos inicialmente de uma venda de secos e molhados e depois da “Pensão e Rodoviária Santa Marta”. Assim, veremos a seguir a memória da Sra. Lazarinda há esse tempo: “... fazia compra em atacados nos municípios vizinhos, principalmente em Anápolis, onde era transportados em cargueiros, carros-de-bois” (Siqueira, Set. 2003).

Percebemos no decorrer do processo histórico, que as iniciativas (fundadores locais), foram de pessoas que tinham fortes relações sociais, tanto no comércio, agricultura, criação de gado e no contato com outras famílias que já possuíam terras nas redondezas de Jaraguá, fazendas prósperas e a maiorias destes, eram serialistas, produtores de leite e agricultores.

OS RELATOS ORAIS

Agora mostraremos de acordo com os relatos orais, sustentados nas idéias de Pollak, Bosi, e dos filhos dos fundadores do município, o que eles relembram dos fatos da criação de Itaguaru. A história da consolidação e criação do município de Itaguaru que pode ser entendida pela garra de pessoas que enfrentaram as mais diversas dificuldades, não medindo esforços para alcançar o objetivo comum em se criar o povoado. Assim, Napoleão, juntamente a outras pessoas, conseguiu o êxito de consolidar a construção e consolidação de Itaguaru.

Parte das entrevistas a seguir foi retirada dos textos redigidos pelo próprio Napoleão, escritos em 07 de agosto de 1986. Baseados em análises feitas destes escritos, constata-se que a primeira idéia da criação da cidade surgiu espontaneamente entre algumas conversas cotidianas entre famílias vizinhas da região, no ano de 1943.

De acordo com Pollak, vemos a influências dos lugares como objeto de memória “Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico” (POLLAK, 1992, p. 03). É possível analisar que não apenas os sujeitos da história, ou

seja, os personagens configuram em si a memória, mas os lugares onde é congelada a memória como símbolo da lembrança e seus marcos deixados.

Houve também profundas transformações históricas, sociais, políticas e econômicas, no decorrer os fatos históricos na formação do povoado, a criação do distrito e, por fim, a fundação histórica de Itaguaru, em 14 de novembro de 1958, iniciando os trabalhos administrativos municipais em 01 de janeiro de 1959.

Segundo caracteriza Pollak:

Além das diversas projeções, que podem ocorrer em relação a eventos, lugares e personagens, há também o problema dos vestígios datados da memória, ou seja, aquilo que fica gravado como data precisa de um acontecimento. Em função da experiência de uma pessoa, de sua inscrição na vida pública, as datas da vida privada e da vida pública vão ser ora assimiladas, ora estreitamente separadas, ora vão falar no relato ou na biografia (POLLAK, 1992, p. 03).

Por meio desse excerto, observa-se que além dos outros objetos que projetam a memória, foi colocada em questão a datação dos vestígios na memória como um acontecimento marcante. Também se faz a análise do uso e assimilação das datas utilizados na vida, quer seja pública ou privada. Veremos de acordo com o autor, o que ele refere sobre o que constitui a memória: “Além dos acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens.” (POLLAK, 1992, p.02)

Por meio desse entendimento, observa-se que os personagens que constituem a história de formação de Itaguaru, são partícipes dos acontecimentos locais e memórias deste processo civilizatório. Para tanto, veremos o que diz a professora Joana Lourenço de Sá Ribeiro, a respeito de sua experiência pública, ela que foi filha do fundador de Itaguaru, o Sr. Antônio Lourenço de Sá. Segundo a memória a que se refere à participação de seu pai na luta pelo desenvolvimento geral de Itaguaru, após a morte dos pais, a professora assumiu grande responsabilidade em cuidar dos irmãos mais novos, relatando a influência de pessoas que vieram trabalhar em Itaguaru:

Tudo na vida existe o primeiro passo, Itaguaru me orgulha, pois, o meu querido pai ajudou com grande esforço neste início. Hoje já se completa 53 anos. Parabéns, Itaguaru, cidade simples e hospitaleira, aqui sentimos uma grande família com garras, unida por um Itaguaru melhor. Orgulho-me de ver pessoas que vieram de outros lugares firmes na luta como você, Renata, o Hélio, Drª. Rosana, Dr. Siguero e muitas outras. Amo Itaguaru, fico triste quando vejo pessoas mudando e procurando melhoras. Nossa cidade se encontra ainda adormecida, mas isto com o tempo vai passar. (Ribeiro, Nov de 2011).

Analisando a fala da Sr^a: Joana Lourenço (67 anos) percebe-se sua alegria ao relatar o esforço de seu pai de origem no município de Jaraguá, e sua luta dele em ver a concretização de um Itaguaru acolhedor. A professora menciona também sobre a vinda de pessoas em busca de trabalho e conclui que se sente triste em ver as pessoas mudarem em busca de oportunidades melhores em outros locais.

Segundo Bosi:

As lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada. Trocando opiniões, dialogando sobre tudo, suas lembranças guardam vínculos difíceis de separar. Os vínculos podem persistir mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem. Esse enraizamento num solo comum transcende o sentimento individual (BOSI, 1989, p. 344)

Vemos que a autora levanta questões a respeito das lembranças deixadas pela família e entre seus membros, constituindo uma memória fundamental, cheia de diálogo, mostrando suas próprias origens e o próprio sentimento individual de cada integrante. Podemos, dessa maneira, observar a importância da fala dos familiares dos fundadores, como “guardiões da memória”.

De acordo com Cecília Lourenço de Sá Domingues (78 anos) filha de Antônio Lourenço de Sá, doméstica e esposa do agricultor Ademar Moreira Domingues (79), mostrará que a memória destes ilustres indivíduos em relação à construção histórica de Itaguaru e a contribuição de suas respectivas famílias. Cecília Lourenço relata:

Meu pai foi um dos primeiros moradores daqui, foi vaqueiro do Sr. José Moreirinha, era pobrezinho, adquiriu as coisas trabalhando. Meu pai comprou um rancho do Sr. José Rufino e construiu a casa, o pedreiro foi o Sr. João Vieira de Uruana, esta casa também abrigou o Sr. Ronan Rezende, quando chegou aqui. Havia uma casa de despejo, servia de garagem, foi feita pelo Sr. João Vieira e terminado pelos seus filhos após sua morte, Gabriel e Valdemar. Quando meu pai veio de Jaraguá para a roça, fez primeira uma tenda, depois um ranchinho e por fim uma casa de pau a pique. O Sr. Antônio Tonico fez uma casa para meu pai, de tijolos na roça. O tio Pedro Moreira morreu em uma vendinha do Sr. Manoel Meningido, estava perto da porta em pé e de repente caiu morto (Domingues, Março de 2018).

Aqui são perceptíveis os fatos confirmando a memória destas mulheres e a relação dos fatos com lembrança de família, fundamentando

assim a história local de nossa cidade. De acordo com Ademar Moreira Domingues (79 anos), percebemos os seguintes fatos:

Meu pai chegou a Itaguaru em 1925, vieram de carro de boi de Minas Gerais e foram morar na fazenda do Sr. Herculano Galdino de Oliveira. Minha avó Maria Rosa do Amor Divino, também morava nas terras do Sr. Herculano e foi sepultada na frente da casa dela. O meu sogro, Antônio Lourenço comprou as terras do Sr. Antônio Alves (Domingues, Maio de 2018).

A família do Sr. Ademar Moreira eram fazendeiros aqui, inclusive seu pai o Sr. Manoel Moreira Domingues, vemos então a relação de agricultores e outros pequenos latifundiários na construção de nossa história. Entrevista com o sobrinho do fundador Benedito Ferreira de Castro. Ele que foi toureiro o Sr. Doroci Alves de Oliveira (81 anos) nos relatou:

Minha mãe morreu em 1952, fui criado em Uruíta, voltei para Itaguaru, fui toureiro mais o Lázaro Veriano, depois fui pra Anicuns em 1958, casei, tive três filhos, e depois de viúvo vim morar com o Benedito (Prego) meu irmão. Fui também vaqueiro do Sr. Joaquim José de Carvalho, sogro do Napoleão, ajudei o Maro Carvalho mudar os moveis do bar dele para a roça de carro de boi. Todos os familiares dos fundadores possuem em si alguma lembrança referente a fatos deixados pelo passado e que vêem a memória com marcos importantes da nossa história local (OLIVEIRA, Maio de 2018).

Entrevista com a ex-professora aposentada Sr^a Edna Gebrim Teixeira, era nora do fundador Sr. Urgelio:

Em agosto de 1964, eu e seis amigas professoras, chegamos a Itaguaru, cidade humilde hospitaleira e com finalidade de levar às crianças e jovens o aprimoramento cultural, convidadas pelo então prefeito, Sr Napoleão Pires de Barros, de saudosa lembrança. Foram trinta e um anos vividos ali, de muitas lutas, trabalhos e alegrias. A cidade, que acabara de se tornar emancipada, passou a trilhar o caminho do desenvolvimento. Éramos sete jovens, normalistas, repletas de idealismo e coragem. Coragem sim, pois que longe de nossas famílias, enfrentamos com galhardia nossa nova missão: EDUCAR! Passados os anos, vemos o resultado daqueles primórdios de nossa vida de educadoras. Itaguaru trilha o caminho desenvolvimento físico e cultural, o que nos enche de alegria e satisfação. “Sou grata a Deus e a todos que de uma maneira ou outra me deram a oportunidade de acompanhar e vivenciar o progresso dessa cidade hospitaleira. A educação foi o

pilar de sustentação da criação do Distrito em 1952, pois foi através da luta da construção do primeiro grupo, que os moradores da zona rural passam, a residir no povoado e trazendo posteriormente o progresso e o desenvolvimento (TEIXEIRA, Abr. de 2014).

Analisando a fala da ex-professora Dona Edna Gebrim, vemos que o que ela menciona a respeito da educação em Itaguaru, esta educação visionária e que foi responsável por desenvolver o povoado, pois a população fixava mais aqui, trazendo segundo ela o progresso e o desenvolvimento geral do pequeno povoado.

O INÍCIO DO LOTEAMENTO

Em 1946, Napoleão juntamente com Urgélio Teixeira saiu em busca de doadores do terreno para a construção do povoado. Inicia-se a luta para o convencimento dos fazendeiros do chapadão. “Fomos no Joaquim Moreira, Antônio Lourenço de Sá e Benedito Ferreira de Castro... pedimos cooperação.” (BARROS, 1986, p.5)

Napoleão, conseguindo o terreno, dá início ao loteamento, com um total de 06 (seis) alqueires. Primeiro cada fazendeiro doou um 1 alqueire , totalizando 3 alqueires, a terra não foi suficiente, voltaram e pediram mais cooperação, até totalizar em 6 alqueires.

Os seguintes proprietários das terras foram: Benedito Ferreira de Castro e sua esposa Benedita Ferreira Bueno, que doaram 2 alqueires, Antônio Lourenço de Sá e sua esposa Evangelina de Lima, que doaram 2 alqueires e meio, Joaquim Moreira Damasceno e sua esposa Emília Duarte de Lima que doaram 1 alqueire e meio.

Pedi a Deus que me ajudasse naquela peregrinação. Deus me ouviu. Me veio a ideia de doar o terreno para a prefeitura de Jaraguá para o prefeito lotear o terreno e vender os lotes para pagar o serviço, as despesas. Reunimos os doadores e suas devidas esposas e fomos, a cavalo, para Jaraguá afim de passar as escrituras dos terrenos doados, ... partimos para o loteamento do terreno. Consegui o seu Jarbas Arantes, agrimensor, para fazer o loteamento, onde trabalharam várias pessoas todas sem ônus... (BARROS, 1986, p .5)

Desta forma, a terra doada foi constituída para a fundação da nova localidade. As primeiras providências tomadas foi o levantamento da região e o loteamento da futura zona urbana. Esta última transcorreu sob a orientação dos agrimensores Jarbas Campos Arantese o Sr. Ditinho(Benedito)Borges vindo de Uruana.De acordo com o Sr. Jovino Moreira Damasceno “[...]na medição dos primeiros lotes trabalharam arduamente meu pai, Joaquim Moreira Damasceno, meu irmão Julião Moreira, Luís Lourenço de Sá, estes usavam foices para fazer piquetes, meu

outro filho irmão o Francisco puxava a corrente para a medição”(Damasceno, Jan de 2014).

Já realizadas as medidas nas quais o empreendimento exigia, surge então o povoado do Chapadão numa região muito fértil, onde a agropecuária se fazia no decorrer do tempo. Muitas estradas foram abertas em sistema de mutirão realizado com foices, enxadas, picaretas e enxadões, etc. Entre elas a estrada de Jaraguá. Percebe-se que no decorrer dos fatos a influência de Napoleão nas decisões dessa construção foram marcantes. Vejamos a memória desse pioneiro quando se refere a isto:

Terminamos o loteamento e partimos para fazer uma escola, muitos ajudaram. Quando estava bem adiantada a construção, saiu uma verba para uma escola no município. Então lutei para o prefeito ceder para o povoado do Curral Queimado. Ele resolveu ceder. Construimos a escola com a qual eu tanto sonhava (BARROS, 1986, p.5).

Esta primeira escola teve o nome de Grupo Escolar Napoleão Pires de Barros. Com a criação desta escola e o terreno loteado, a população passa a fixar no povoado. Vemos também a preocupação que o Sr. Napoleão tinha em relação ao bem-estar social dos moradores em geral no povoado e também da educação local que vinha padecendo muito, pois não havia escolas e poucos professores.

De acordo com Abel (Tibelo) Ferreira Bueno: “Napoleão, foi o intermediário na compra e na venda dos lotes. Os documentos eram feitos no cartório de Uruana e Jaraguá, as pessoas iam a cavalo ou em carro de boi”. (BUENO, Maio de 2000) Na região não existia estradas para automóveis, a ligação com Jaraguá era feita em um trieiro. As primeiras iniciativas de Napoleão em relação às estradas foram convocar a população da região para que em forma de multirões abrissem estradas.

Partimos então para fazer a estrada de automóvel [...]. Convidei o povo para me ajudar, em três juntaram 325 homens que trabalharam de enxadão, machado, picareta. Eu a cavalo, marcava o rumo da estrada e de 2 em 2 metros, marcava os trechos”... Conseguimos mais esta vitória, e resolvemos convidar o prefeito para inaugurar a estrada, ele veio num fusquinha e chegou buzinando “Bipe, Bipe”, nós soltamos muitos foguetes e foi muito bom, porque muita gente ali não conhecia um carro (NAPOLEÃO, 1986, p.6).

As estradas foram muito importantes para o desenvolvimento do comércio, pois facilitam a comercialização das mercadorias e as rotas contribuíram para melhor trafegar como os meios de transporte existentes. Segundo o depoimento de Dona Ana (Nega) Martins de Oliveira,

esposa do Sr. Macionil Galdino, (o “Veim”), ao que refere na construção das estradas:

Eu colaborei no mutirão para a construção da estrada que vai ao Peri (Perilândia), fazendo biscoitos um dia inteiro, para a merenda dos trabalhadores, perto de uma cancela da antiga estrada que ligava Itaguaru a Jaraguá, uma tarefa árdua para dar lanches aos trezentos e vinte e cinco homens que construíram a estrada (OLIVEIRA, Jan de 2014)

Napoleão, sendo o principal autor das ideias e das iniciativas, procura não se esquecer de frisar a participação da comunidade nessa empreitada. De acordo com sua história contada, afirma que não construiu nada sozinho, vemos enfim que as “memórias coletivas”, são fundamentais para o desenvolvimento de uma história local:

E em todas estas etapas o povo estava comigo. Neste dia pedi ao prefeito Dr. Peixoto da Silveira para me ajudar a escolher o nome do povoado. Devido ao fato de o povoado Curral Queimado estar entre em Itaberáí, Jaraguá e Uruana, resolvemos colocar o nome de Itaguaru. Todo o povo ficou satisfeito. Autorizado pelo prefeito, comecei a vender os lotes para pagar o agrimensor. Os preços dos lotes eram de 50 a 100 mil réis. O povo cooperou como sempre. Vieram seus primeiros moradores e fizeram barracas de folha de bacuri. Os primeiros foram José Rufino e família, Pinguinho (Domingos Ferreira da Costa) e família, Antônio Laurindo e família, Manuel Tonico e família, João de Souza e família e outras que não lembro. A primeira venda era do Pinguinho (BARROS, 1986, p.7).

Ele era um homem de boas ideias, sempre pedia sugestão a população nas decisões para não magoar os habitantes e nem seus amigos, foi através de seu grande empreendimento que se desenvolveu povoado no decorrer de pouco tempo. “O nome de Itaguaru foi sugerido pelo prefeito de Jaraguá na época o Dr. José Peixoto da Silveira, que formou o nome da junção de três sílabas, originada dos municípios vizinhos”. (NAPOLEÃO PIRES). ITA- de Itaberáí; **GUA**-Jaraguá e **RU**- de Uruana. As primeiras famílias a habitarem aqui foram: “os Srs. Herculano Lemes dos Santos, Antônio Soares Siqueira e Domingos Francisco Paixão”(BARROS, 1986).

Com um grande impulso e desenvolvimento no povoado devido ao esforço e empenho dos moradores, nos finais de semana e nos dias das festas, as populações das fazendas vinham rotineiramente para a cidade, nos dias de semana trabalhavam na roça. Com a ideia da criação de uma escola a população passou a se fixar mais no povoado para estudarem, este povoado foi então elevado à categoria de **Distrito pela Lei Municipal de 31 de janeiro de 1952**, aprovada pela Câmara Municipal de Jaraguá mudando

o nome de Chapadão da Fazenda Santo Antônio do Curral Queimado, para Itaguaru. De acordo com as lembranças de Napoleão afirma que:

Logo começaram a construir, o Sr. José Moreira, tradicional família Moreira, Benedito Ferreira, Joaquim Moreira, Manuel Abadia e eu, Napoleão, Benedito Branco, Benedito Machado e outros assim foi crescendo. Logo que construí, coloquei uma lojinha de tecidos e artigos de armazém... Esta loja só abria a noite porque eu tinha que trabalhar o dia.... Depois resolvi comprar um caminhão. Fui na agência em Anápolis... ... Comprei o caminhão por 75 contos de réis. Paguei 50 contos e fiquei devendo 25. Fui trabalhar para pagar, trabalhei dia e noite (BARROS, 1986, p.7).

O seu companheiro o Sr. Benedito Souza, em um depoimento, conta que:

Aqui ninguém tinha carro, o primeiro que comprou foi o Napoleão, fazia frete para todo mundo. E depois ele comprou uma perua que levava o povo para Goiânia. Ela cabia 16 pessoas, lá ia um dia e voltava no outro. Naquele tempo a estrada que levava a Goiânia, passava em Itaberaí primeiro. Era muito ruim, a gente saía cedo e chegava em Goiânia a noite.(SOUZA, Set.2003)

Vemos a memória dos companheiros de Napoleão, ao que referem a sua luta para Itaguaru, e frisamos o “companheirismo” e a lembranças que as pessoas guardam em si deste fundador.Itaguaru se torna município e tem seu primeiro prefeito.Seis anos após tornar-se Distrito, Itaguaru foi elevada à condição de município por força de **Lei Estadual nº2101, de 14 de novembro de 1959**, passando a constituir Termo Judiciário da Comarca de Jaraguá.O primeiro prefeito de Itaguaru, Morbeck José de Andrade e a 1ª dama Maria Sandoval (01/01/1959 a 31/01/1960), foram nomeados pelo então governador do Estado, José Feliciano Ferreira.De acordo com Andrade

Mais ou menos nos anos de 1959-1960, Morbeck foi prefeito nomeado pelo Governador. O gabinete do Morbeck era na casa de Napoleão, depois na casa de João Galdino. Depois que construíram o Fórum, o gabinete do prefeito passou para o prédio do Fórum da cidade. (ANDRADE, Set.2003)PRIMEIRA-DAMA

O gabinete do prefeito funcionava antigamente nas residências, depois da construção do fórum o poder foi transferido para lá.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Obtivemos como resultados alcançar conhecimentos maiores e juntamente mostrar uma análise desde o início do povoado, que dificultoso,

porém vemos a superação dos obstáculos na luta pela consolidação de um ideal revolucionário que surge através de memórias quer seja, coletivas ou individuais, contribuindo definitivamente como partícipes e sujeitos sociais.

Cabe ainda ressaltar os ganhos que foram em estudar a história de um povo, e saber que suas origens, desde a vinda das primeiras famílias, de uma terra com grande cultura, região de desenvolvimento. Foi pelo esforço total de memórias coletivas, um conjunto de pessoas com gênios admiráveis, famílias de origem de Jaraguá e outros estados e que desempenharam papel marcante na história local de Itaguaru.

Sendo assim, vemos que as memórias das famílias dos fundadores, ao qual ressalta Bosi (1989), são através de lembranças do grupo doméstico, ou seja, cada indivíduo familiar que guardou vínculos e lembranças difíceis de separar, vínculos que mostram que esta história de Itaguaru se efetivou através das origens e que estas famílias influentes tiveram sim de acordo com a autora um “sentimento individual pertinente”.

Vemos que, esta memória individual dos relatos orais levantadas no decorrer do trabalho foi fruto de vivências e das práticas no cotidiano dos filhos que herdaram dos pais, momentos simbólico deles, e que ao morrerem deixaram fragmentos de momentos sublimes e marcantes do passado e que ajudaram significativamente a comprovar nossa “veracidade dos fatos” no decorrer da história de Itaguaru.

Segundo é retratado por Pollak (1992), existe uma constante relação entre a identidade social e a memória, mas ressalta que existe a problemática da abordagem histórica como problema de identidade. Relação esta pertinente em nossa análise de reescrever a identidade destes sujeitos sociais e indivíduos plenamente importantes.

Baseados numa história oral, de vestígios, fragmentos na memória, uma memória política e as várias histórias de vida, torna desafio grande de “legitimar” estas memórias coletivas.

Segundo aborda, Nora (1993) é através de uma relação efetiva entre “história e memória”, carregada pelos grupos sociais vivos e que se mantém em evolução abertas a uma “dialética”. Enfim, entender a memória como substância social de acordo com Bosi (2003), nas análises de Bérghson, mostra que os “lugares”, a “natureza” e a “cidade” possuem lições importantes da (psicologia social) compreendida para um jovem recém-pesquisador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos toda a trajetória percorrida através do presente trabalho, podemos compreender que a formação histórica de Itaguaru, se efetivou do empenho total de memórias coletivas e individuais. Foi um processo que culminou conforme as necessidades básicas deste povo, onde cada fato ocorreu em virtude do tempo necessário para que se efetuassem. Assim surge Itaguaru.

Desde a vinda das famílias de outros Estados, e pessoas empenhando neste processo desde as minorias (os menos favorecidos), aos

grandes (classe média), e todos os outros sujeitos históricos foram marcantes nesta luta. Enfim, notamos nos relatos e vivências deixados pelos fundadores, que eles foram os testemunhos que serviram de articulação dos fatos deixados na “lembrança” uma memória que foi comprovada através da realidade vivida.

Compreendemos que a história local de Itaguaru é sustentada por vários pilares, entre eles, a falta de um elo religioso, político, econômico e social, uma educação formadora de cidadãos voltada para o desenvolvimento de um povo estabelecendo sua conjuntura social.

Itaguaru foi fruto de grandes conquistas, onde o povo lutou em prol de uma vida digna, desde a cooperação das terras a Jaraguá, para a construção de um pequeno povoado, a insistência de verba para construção de uma escola, a construção da estrada que vai a Jaraguá através de mutirão, favorecendo o intercâmbio de mercadorias.

Muitas edificações contribuíram para o desenvolvimento de Itaguaru, entre elas a construção da SANEAGO, onde o fornecimento de água favoreceu o saneamento básico, a edificação do Colégio Estadual Artur da Costa e Silva em 1970, a base da educação Ginásial, a construção do Palácio dos Três Poderes, magnífica obra municipal que desempenhou a realização dos trabalhos administrativos de grande valia ao povo Itaguaruense.

Percebemos que a história de Itaguaru se legitimou conjuntamente, através, de objetivos criados que alcançaram bons resultados. Analisar a cooperação do povo numa empreitada é lançar a mão ao arado, e jogar a sorte de colher frutos saborosos e doces, depois de lançado a boa semente. O desenvolvimento deste povo que através da luta constante, em busca de uma vida digna, de dias melhores e de uma independência política.

Por fim, vemos o valor das memórias tanto da memória individual dos pequenos, como sujeitos importantes, a memória coletiva, os pequenos grupos sociais de famílias goianas, povo importante para o povoamento da cidade. Concluímos que Itaguaru é prova viva de luta, incluindo famílias de várias outras localidades, de um povo simples e hospitaleiro. Constatamos isso ao analisar os “testemunhos locais” reconstruindo uma história legitimada, fundamentada na “memória local” de um povo que buscava progresso e anseios de uma vida melhor cada dia.

Conseguimos chegar a tal auge de desenvolvimento, por que o povo lutou a todo instante, os recursos chegaram ao próprio tempo e as necessidades foram suprimidas conforme surgiam às dificuldades, hoje se tem uma verdadeira realidade e foi em um dia desses que nasceu o “menino Itaguaru”, assim como o próprio Napoleão disse.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Sandoval de. **Maria Sandoval de Andrade**: entrevista [Setembro de 2003] Entrevistadora: Ângela Maria de Souza Fraga, Itaguaru, set. 2003 Entrevista concedida por meio de mídias digitais: telefone e e-mail

BARROS, Napoleão Pires de. **Napoleão Pires de Barros**: documentos contendo 20 páginas, Itaguaru, 1986

BOSI, Ecleia. “**Memória e sociedade: lembrança de velhos**”, 3º Ed, Companhia das letras: São Paulo, 1994

_____. “O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social: Ateliê Editorial, São Paulo, 2003

BUENO, Abel Ferreira. **Abel Ferreira Bueno**: entrevista [Maio de 2000]. Entrevistadora: Ângela Maria de Souza Fraga. Itaguaru, maio. 2000. Entrevista concedida por meio de mídias digitais: telefone e e-mail

DAMASCENO, Jovino Moreira. **Jovino Moreira Damasceno**: entrevista [Janeiro de 2014] Entrevistador: Tarley de Carvalho Silva, Itaguaru, jan. 2014. Entrevista concedida por meio de mídias digitais: telefone e e-mail

DOMINGUES, Cecília Lourenço de Sá. **Cecília Lourenço de Sá Domingues**: entrevista [Março de 2018] Entrevistador: Tarley de Carvalho Silva, Itaguaru, março. 2018. Entrevista concedida por meio de mídias digitais: telefone e e-mail

EVANGELISTA, Eri Borges. **Eri Borges Evangelista**: entrevista [Novembro de 2016] Entrevistador: Tarley de Carvalho Silva, Itaguaru, nov. 2016. Entrevista concedida por meio de mídias digitais: telefone e e-mail

FRAGA, Ângela Maria de Souza; ALMEILDA, Antônio Carlos de: **Lembranças e Memórias da Relação de Poder de Napoleão Pires de Barros na Construção do Município de Itaguaru entre as décadas de 40 e 70**, Itapuranga: 2003

NORA, Pierre. “**Entre memória e história: a problemática dos lugares**”. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, dez.-1993.

OLIVEIRA, Ana dos Santos de. **Ana dos Santos de Oliveira**: entrevista [Janeiro de 2014] Entrevistador: Tarley de Carvalho Silva, Itaguaru, jan.2014. Entrevista concedida por meio de mídias digitais: telefone e e-mail

OLIVEIRA, Dorocí Alves de. **Dorocí Alves de Oliveira**: entrevista [Maio de 2018] Entrevistador: Tarley de Carvalho Silva, Itaguaru, maio. 2018. Entrevista concedida por meio de mídias digitais: telefone e e-mail

POLLAK, Michael. “**Memória e identidade social**”. In: Estudos Históricos, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

_____. “**Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos Históricos, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.

RIBEIRO, Joana Lourenço de Sá. **Joana Lourenço de Sá Ribeiro**: entrevista [Novembro de 2011] Entrevistador: Tarley de Carvalho Silva, Itaguaru, nov. 2011. Entrevista concedida por meio de mídias digitais: telefone e e-mail

SIQUEIRA, Maria Lazarinda Amaral. **Maria Lazarinda Amaral Siqueira**: entrevista [Setembro de 2003] Entrevistadora: Ângela Maria de Souza Fraga, Itaguaru, set. 2003. Entrevista concedida por meio de mídias digitais: telefone e e-mail

SOUZA, Benedito Pereira de. **Benedito Pereira de Souza**: entrevista [Setembro de 2003] Entrevistadora: Ângela Maria de Souza Fraga, Itaguaru, set. 2003. Entrevista concedida por meio de mídias digitais: telefone e e-mail

SOUZA, Odete Justino de. **Odete Justino de Souza**: entrevista [Setembro de 2016] Entrevistador: Tarley de Carvalho Silva, Itaguaru, set. 2016. Entrevista concedida por meio de mídias digitais: telefone e e-mail

TEIXEIRA, Edna Gebrim. **Edna Gebrim Teixeira**: entrevista [Abril de 2018] Entrevistador: Tarley de Carvalho Silva, Itaguaru, abr. 2018. Entrevista concedida por meio de mídias digitais: telefone e e-mail

TEIXEIRA, Urgélio. **Urgélio Teixeira**: entrevista [Janeiro de 1980] Entrevistadora: Renilde Ribeiro de Andrade, Itaguaru, jan. 1980. Entrevista concedida por meio de mídias digitais: telefone e e-mail

Apostila de Dados Históricos do Município de Itaguaru, Mimeografada, 2001
<https://www.ferias.tur.br/cidade/2197/itaguaru-go.html> Acesso em: 04 jun. 2018